



DISCIPLINA, HEROÍSMO E BRAVURA: OS TEXTOS DE LEITURA NO LIVRO DO APRENDIZ MARINHEIRO VOLUME I (1889)

Azemar dos Santos Soares Júnior [*]
Shairany Arias Palombo Sonntag [**]

[*] Doutor em Educação (UFPB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0015-415X> - E-mail: azemarsoares@hotmail.com

[**] Mestranda em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3817-2740> - E-mail: shairany@outlook.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo, analisar os textos contidos na matéria de “Leitura” do primeiro volume do *Livro do Aprendiz Marinheiro* publicado no ano de 1889. Trata-se de um capítulo dedicado a alfabetização e as práticas da leitura a partir de termos capazes de adestrar corpos e mentes, adotando assim uma lógica disciplinadora. A matéria de “Leitura” fazia parte do Programa de Ensino das Escolas de Aprendizes Marinheiro, portanto, era conteúdo disposto no referido material didático da instituição em fins do oitocentos. Nos apoiamos nos domínios da História Cultural para pensar a disciplina como tecnologia de controle empregada sobre os corpos dos aprendizes marinheiros. Para tanto, discutimos o conceito de *disciplina* proposto por Michel Foucault (2020) que permite a compreensão das formas de adestrar. Por se tratar-se de uma escola voltada ao público masculino, discutimos a categoria *gênero* a partir dos escritos de Guacira Lopes Louro (2017). Conclui-se que a matéria de “Leitura” tinha como objetivo incutir nos menores aspirantes a marinheiros a regulação de seu corpo desde os ensinamentos de primeiras letras.

Palavras-chave: Livro do Aprendiz Marinheiro. Escola de Aprendizes Marinheiros. Matéria escolar.



INTRODUÇÃO

[...] eis o homem do mar: cem perigos; por uma glória; dez heróis por um só homem (LIVRO DO APRENDIZ MARINHEIRO, 1889, p. 29).

A figura do homem do mar pode ser muito ampla. Mas, quando se trata de uma profissão como a de um marinheiro, este corpo tende a ser moldado por dentro e por fora para existir de uma determinada maneira. Nas Escolas de Aprendizes Marinheiros, no final do século XIX, observamos que, a disciplina serviu como forma de controle do corpo visando o adestramento dos gestos e seu aproveitamento para a instituição naval. Segundo Michel Foucault (2020), a disciplina é pensada para adestrar o indivíduo do interior para o exterior, tornando-os dóceis. O documento, que utilizamos tanto como fonte quanto objeto de pesquisa, é o *Livro do Aprendiz Marinheiro* publicado no ano de 1889, material feito para ser usado como livro didático nessas instituições. Nele, encontramos pistas de como essa disciplinarização ocorria dentro da sala de aula, ainda no processo de alfabetização dos menores.

Quando tocamos no tema da alfabetização, estamos nos referindo ao ensino dos números, bem como, ao aprendizado das letras do alfabeto. Já nesse início da vida escolar e militar, podemos analisar a disciplina inserida nas intenções dispostas nos conteúdos didáticos. Ainda conforme Michel Foucault (2020), a disciplina que visava tornar os corpos dóceis tornava-os, assim, corpos de fácil aprendizado, corpos submissos às ordens. “Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo, faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita” (FOUCAULT, 2020, p. 135-135). Além disso, Laelson Vicente Francisco (2022), ao estudar sobre a disciplina, o adestramento e as formas de resistência na Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande do Norte, mostrou a complexidade desse processo: “[...] era necessário ter domínio sobre esse pessoal, sobre seus corpos e suas mentes” (FRANCISCO, 2022, p. 32).

Ao nos voltamos especificamente aos textos da matéria de Leitura, analisando-os como parte desse processo disciplinador, podemos problematizar as características presentes no corpo textual que ressalta um determinado modo de ser. Isso quer dizer que, conforme veremos neste artigo, tais passagens ensinam um comportamento padrão a ser seguido. Dessa



forma, a conduta do menor aprendiz de marinheiro tinha como espelho a figura do dito marinheiro ideal. No *Livro do Aprendiz Marinheiro*, esses homens eram descritos como másculos, heróicos, corajosos, detentores de muito respeito e admiração perante a sociedade. Mas, havia apenas um caminho para trilhar que levaria o jovem aprendiz a este resultado representado como glorioso: o caminho da disciplina. Obedecer às regras e a hierarquia dentro e até mesmo fora da Marinha era tema constantemente abordado pelos textos.

Esses textos estão inseridos no *Livro do Aprendiz Marinheiro Volume I* (1889). A obra, como um todo, possui dois volumes. O primeiro, tem como temática as matérias¹ do Ensino Elementar, enquanto o segundo as do Ensino Profissional. Vale ressaltar que as Escolas de Aprendizes Marinheiros, foram criadas com o nome de Companhias de Aprendizes Marinheiros na primeira metade no século XIX, a princípio na Capital do Império, e no decorrer dos anos instituída em diversas Províncias espalhadas pelo Brasil. Com o objetivo de ser uma instituição militar e profissionalizante para fortalecer o corpo de marinheiros da Marinha de Guerra do Brasil. Funcionando em sistema de internato, a referida instituição tinha interesse em arregimentar menores desvalidos em situações de vulnerabilidade social para compor o quadro de aprendizes. Muitas dessas crianças eram encaminhadas à escola através dos juízes de órfãos ou chefes de polícia.

Neste artigo, traçamos como objetivo, analisar os textos de leitura inseridos na matéria de “Leitura” do primeiro volume da obra. Bem como, relacionar os escritos com as possíveis intencionalidades da Marinha para com os aprendizes marinheiros. Neste primeiro volume do *Livro do Aprendiz Marinheiro*, havia também as matéria de “Grammatica Portugueza”, “Doutrina Christã”, “Desenho Linear”, “Mappas Regimentaes”, “Noções de Geographia”, “Elementos de Arithmetica” e “Systema metrico decimal”, compondo cerca de duzentos e quarenta e cinco (245) páginas.

Conforme Kazumi Munakata (2016), o livro didático é uma parte da cultura material da escola que é de certa forma, peculiar. No entanto, a sua existência é justificada tão somente na e pela escola. Dessa forma, Munakata (2016, p. 123) acredita que antes de qualquer coisa “[...] o livro didático é o portados dos saberes escolares é a transcrição do que era ensinado,

¹ Neste artigo optamos por utilizar a terminologia “matéria”, para nos referirmos a disciplina escolar. Essa escolha se dá para sermos fiéis ao termo utilizado à época e que também está presente na documentação das Escolas de Aprendizes Marinheiros.



ou que deveria ser ensinado, em cada momento da história da escolarização”. Para isso, utilizamos os princípios da História Cultural, que nos fornece o suporte necessário para pensar o tipo de profissional que a Marinha do Brasil queria formar após incutir determinados ensinamentos nos corpos e mentes dos aprendizes Marinheiros. Conforme menciona Sandra Pesavento (2008, p. 43), “[...] o historiador lida com traços do não visto, do não vivido, indícios que se colocam no lugar do acontecido, representações do passado que o historiador visualiza como fontes. A História Cultural se tornou uma representação que resgata representações”. Assim, passaremos então a análise das representações desse dado passado da Escola de Aprendizes Marinheiros contidas na matéria de “Leitura”.

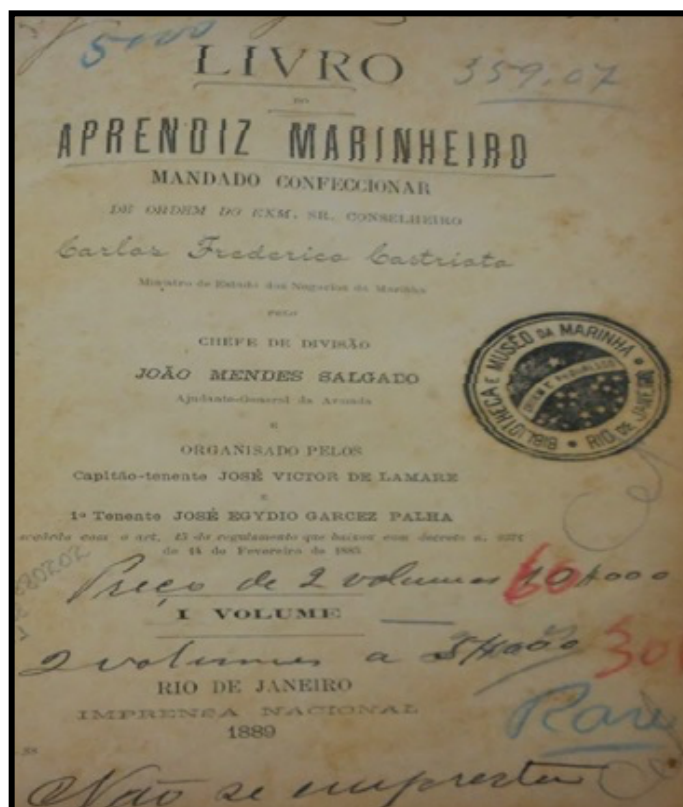
ALFABETIZAR E INSTRUIR: A MATÉRIA DE LEITURA NO ENSINO DOS MENORES APRENDIZES

A história do ensino da leitura, possui diferentes conceitos sobre o que significa ler e escrever em determinado tempo e espaço. De forma que ao pautar uma história da aprendizagem da leitura é discutir também a respeito da história da alfabetização. Além das intencionalidades políticas do porquê ensinar a ler. Quando iniciamos a matéria de “Leitura” proposta pela Marinha no *Decreto n. 9.371*, de 14 de fevereiro de 1885 e presente no *Livro do Aprendiz Marinheiro* de 1889, as suas primeiras páginas são dedicadas a alfabetizar os aprendizes marinheiros.

O *Decreto n. 9.371* de 1885, foi um documento responsável por estabelecer as normas que vigoraram nas Escolas de Aprendizes Marinheiros entre 1885 até 1906, quando foi substituído. Dentre todas as regras para o funcionamento desta instituição, tal documento estabelecia as matérias e como o ensino deveria ser aplicado dentro das escolas. Podemos entendê-lo como parte da cultura educacional das Escolas de Aprendizes Marinheiros. Tal como explica Luciano Faria Filho (2007), ao se referir ao conjunto de leis e de normas que regulam as instituições escolares e possibilitam que “[...] a escola funcione como uma agência criadora e conservadora da cultura por meio de uma intensa prática de apropriação em relação às estruturas culturais mais gerais em que ela – a escola – está situada” (FARIA FILHO, 2007, p. 195). Por tanto, as leis interferem diretamente no funcionamento das escolas, bem como nos materiais didáticos. No *Livro do Aprendiz Marinheiro*, o decreto que vigorava no

ano da sua confecção era o *Decreto n. 9.371* de 1885, ao qual aparece na capa do exemplar como veremos na imagem abaixo:

Figura I – Capa do Livro do Aprendiz Marinheiro Volume I



Fonte: LIVRO DO APRENDIZ MARINHEIRO (1889).

A capa do livro em questão nos fornece informações importantes sobre a origem e organização da obra. De acordo com a imagem, o livro foi encomendado pelo Exmo. Sr. Conselheiro Carlos Frederico Castrioto, Ministro do Estado dos Negócios da Marinha, juntamente com o chefe de divisão João Mendes Salgado, ajudante e general da armada. Ademais, destacamos que as assinaturas de Castrioto e Mendes Salgados nos relatórios de Ministros da Marinha não guardavam vínculo com a Escola de Aprendizes Marinheiros no período compreendido entre os anos de 1887 e 1888. Além disso, podemos observar que o *Livro do Aprendiz Marinheiro* volume I foi organizado pelo Capitão Tenente José Victor de Lamare e pelo Primeiro Tenente José Egydio Garcez Palha, ambos com histórico de escrita de



materiais de ensino na Marinha, fato que possivelmente justifica a escolha destes como organizadores da obra.

Ainda na capa, em letras pequenas, é perceptível a declaração de que o livro se encontra de acordo com o *Art. 15 do Decreto n.9371* de 14 de fevereiro de 1885, o qual contém as matérias que deveriam ser lecionadas no ensino elementar e profissional das Escolas de Aprendizes Marinheiros. Por fim, é interessante notar as informações de que o livro é o primeiro volume e foi impresso em 1889 pela Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro. Em suma, a imagem nos fornece informações importantes no que diz respeito as normas vigentes na época em relação ao ensino na Marinha.

Quando saímos da capa e começamos a folhear as páginas do livro, podemos analisar outras características que formam a obra, como por exemplo, os métodos de ensino. Durante o Império e a primeira República, existiram alguns métodos de ensino que tiveram destaque na educação brasileira. Quanto ao *Livro do Aprendiz Marinheiro*, Rozenilda de Castro (2017, p. 167) afirmou que

[...] a análise dessa obra revela, ainda, a presença do método silábico para o ensino da leitura, a intenção formativa da Marinha em uma cultura institucional própria e a prática educativa voltada para a formação de um homem marinho civilizado e guerreiro.

Assim, o início da matéria de “Leitura”, apresentava primeiro as letras do alfabeto, partindo em seguida para sílabas, para só então, passar para leitura de palavras, frases, parágrafos e textos. Com as características expostas pela obra, são voltadas para o método silábico de alfabetização. “Desse modo, ler textos é uma atividade que acontece após a memorização das sílabas e das palavras” (GONTIJO; SCHWARTZ, 2015, p. 49).

Portanto, segundo Cláudia Maria Mendes Gontijo e Cleonara Maria Schwartz (2015), o ensino de leitura durante o Império brasileiro, sofria forte influência europeia. Assim, foi somente na segunda metade do século XIX que começou a publicação de livros de leitura nacionais. Conforme explicam as autoras, existiam dois tipos de leitura: a leitura soletrada e a leitura corrente. Na leitura soletrada, as sílabas são separadas por hifens e a ênfase está na pronúncia correta de cada uma das sílabas. Já na leitura corrente, as sílabas não são marcadas, e o objetivo é uma leitura fluida e sem pausas. Assim, “[...] por outro lado, na leitura corrente, não há esse tipo de marcação das sílabas. Contudo, independentemente do tipo de leitura, os



textos têm como objetivo inculcar valores morais baseados, predominantemente, na religião católica, na disciplina e na obediência às leis” (GONTIJO; SCHWARTZ, 2015, p. 49).

Os dois tipos de leitura explicados por Gontijo e Schwartz (2015), estão presentes no material didático produzido para as escolas de formação de marinheiros. Após a introdução ao alfabeto, sílabas e pequenas palavras, os textos começam a ser apresentados a partir da leitura soletrada aquela que é escrita com a separação silábica, contendo como característica a presença do hífen (-). Tais textos, aparecem numa extensão menor do que os textos de leitura corrida. Vejamos um exemplo de um texto com leitura soletrada: “O na-vio é ve-lei-ro. A pe-ça es-tá lim-pa. Es-tu-dar a lei-tu-ra. Res-pei-tar os ve-lhos. O-be-de-cer ao su-pe-rior” (LIVRO DO APRENDIZ MARINHEIRO, 1889, p. 10).

A partir deste exemplo, podemos observar que os textos presentes no livro têm como objetivo ensinar valores baseados na disciplina e obediência as leis. É possível que a Marinha desejasse que esses valores fossem transmitidos por meio desses textos, independentemente do tipo de leitura adotada, seja ela soletrada ou corrente. No caso transcrito acima, observarmos que os exemplos apresentam uma série de diretrizes para os aprendizes, que incluem alguns princípios de comportamento e atitudes que deveriam possuir. O trecho enfatiza a importância da leitura e do estudo, além do respeito aos mais velhos e a obediência aos superiores. Essas são características que fazem parte de um ambiente disciplinado, seja ele a bordo de um navio ou ainda no interior da escola.

Há ainda a referência ao cotidiano da vida a bordo de um navio. Assim, é possível que a menção ao fato de o navio ser veleiro, indicasse que o aprendiz adquirisse as habilidade e conhecimentos necessários para esse tipo de embarcação, como por exemplo, entender sobre ventos, rosa dos ventos e as condições meteorológicas. Já, sobre a “peça estar sempre limpa” podemos interpretar como uma espécie de aviso para que os menores mantivessem o ambiente sempre limpo e organizado. Dessa forma, percebemos que apenas em um pequeno trecho da matéria de “Leitura”, encontramos um conjunto de valores e princípios que a Marinha julgava essencial para a vida a bordo de um navio, bem como para manter a ordem dentro das escolas.

No caso da Escola de Aprendizes Marinheiros, sobretudo, o *Livro do Aprendiz Marinheiro* (1889), podemos perceber que já no início do processo de alfabetizar os menores aprendizes havia intencionalidades. No trecho acima, é possível observar as referências



relacionadas com a vida e o cotidiano de um marinheiro. Há expressões que compõem a vivência no mar, mas há outras que dizem respeito aos valores morais que os integrantes da marinha, seja qual for a sua função, deveriam possuir. As demais passagens do livro não fogem à regra, são textos que abordam assuntos como a fé, o respeito aos mais velhos, a disciplina e obediência às leis.

Se os aprendizes tinham de ser obedientes, heróicos, disciplinados e cristãos, a formação que recebiam precisava inculcar esses valores. Segundo Gontijo e Schwartz (2015), é na linguagem que os valores morais e religiosos são instituídos. Assim, era na alfabetização um dos caminhos que a Escola de Aprendizes Marinheiros adotou para inculcar tais princípios. Isso significa que essas escolas consideravam o ensino da leitura e da escrita como uma ferramenta essencial para a formação que almejavam dos futuros marinheiros que era a de construir homens disciplinados. Segundo Foucault (2020 p. 119), “[...] a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Foucault explica sobre como a disciplina funciona para produzir corpos submissos e obedientes, que ele chama de “corpos dóceis”. Ele argumentou que a disciplina aumenta as capacidades físicas dos corpos, mas em contrapartida, reduz sua capacidade política, o que torna esse corpo mais propenso a obediência.

Assim, Foucault descreve como a disciplina é usada para moldar e controlar os corpos tornando-os úteis para realização de tarefas específicas. O autor argumenta ainda que a disciplina é uma forma de poder que opera na construção dos corpos e identidades dos indivíduos. Quando pensamos nessa disciplina aplicada também na alfabetização, podemos perceber a quão limitadora e autoritária pode ser o ensino da leitura no *Livro do Aprendiz Marinheiro*. Uma vez que, esses textos não incentivavam uma diversidade de pensamento, ou até mesmo a criatividade dos aprendizes. Ao contrário, os escritos enfatizavam a excessiva obediência e respeito a hierarquia dentro da Marinha, objetivando uma mentalidade passiva dos alunos.

Desse modo, quando pensamos no processo de alfabetização e pelas leituras que os menores das escolas de aprendizes marinheiros passavam, pensamos também na cultura dentro das Escolas de Aprendizes Marinheiros. Maria do Rosário Mortatti (2000, p. 49), explica a estreita relação entre a linguagem e a cultura escolar:



[...] ora, um dos principais aspectos da cultura que se constitui objeto de ensino na escola é precisamente a linguagem/língua, que nos precede, ultrapassa, institui e constitui como seres humanos e sujeitos sóciohistóricos. Daí decorre a importância estratégica, no âmbito desse projeto, da escolarização das práticas de leitura e escrita e seu ensino inicial às novas gerações, assim como sua estreita relação com o engendramento de uma cultura escolar.

Portanto, a linguagem ocupa um espaço fundamental para a propagação da cultura escolar de cada escola. Assim, é por meio da linguagem que os aspectos culturais são instituídos, seja fora ou dentro das escolas. Assim, a matéria de leitura, responsável pela alfabetização e prática da leitura, tornou-se responsável também por adestrar aqueles menores nos valores morais da Marinha e da sociedade brasileira no final do Império. Os textos, possuem muitos ensinamentos relativos ao modo de agir, ser e pensar enquanto um futuro marinheiro. Devido ao espaço que temos para essa pesquisa, não poderemos abordar e analisar cada um deles. Há alguns possivelmente de própria autoria dos autores do livro, mas a maioria são tirados de outros materiais da marinha e até mesmo de alguns pensadores conhecidos como Tocqueville².

Ao passo que conhecemos os textos de leitura do *Livro do Aprendiz Marinheiro*, podemos entender a disciplina como um elemento central e fundamental das Escolas de Aprendizes Marinheiros. Esses textos, estavam no livro para serem usados como uma das ferramentas que incutiria valores morais, religiosos e comportamentais nos aprendizes, treinando-os para se tornarem marinheiros disciplinados e obedientes. Podemos ver no livro, que muitos assuntos além do cotidiano naval eram abordados. Por exemplo, a crença a ser seguida, a confiança que um marinheiro deveria passar para os civis e o zelo à família, como explica Laelson Francisco (2022, p. 122):

[...] percebemos mediante a acusação que o processo de adestramento não requeria apenas um corpo saudável, manipulável e apto a obedecer a comandos físicos, mas também em todo o conjunto organizacional da vida. O aprendiz bem adestrado era também um cidadão organizado em todas as áreas de sua vida. A organização de seus materiais também se configurava como uma instrumentalização da normatização do pessoal da escola.

² Alexis de Tocqueville foi um pensador e político francês que viveu entre 1805-1859.



Por isso, além de alfabetizar a matéria de leitura transmitia valores morais na formação e no ensino dos aprendizes. O ensino da leitura não se limitava a ensinar a ler, mas ultrapassava esse limite. Nem tampouco era objetivo aprendiz ser alguém crítico. Dessa forma, os textos não tinham por finalidade incentivar os leitores a avaliar ou questionar o funcionamento e a defesa daquilo que a Marinha ensinava. Os aprendizes marinheiros, não deveriam avaliar de forma reflexiva os conteúdos, as normas, tudo aquilo que era lhes imposto, cabia a eles aprender e obedecer. Os textos que eram selecionados por marinheiros para serem lidos por futuros marinheiros possuíam uma narrativa heroica de outros marinheiros, com o objetivo de propiciar um determinado desejo de se assemelhar à figura heroica. Portanto, analisemos a seguir alguns desses textos.

Um exemplo, é o texto intitulado como “Heroes do Mar”, de autoria de “Lamartine”, e se encontra entre as páginas 28 e 29 do *Livro do Aprendiz Marinheiro*. É um texto que aborda a coragem dos homens de guerra, dando ênfase aos marinheiros. Esses homens, segundo o texto, eram heróis e dedicavam sua vida para o bem da nação. No entanto, deveriam eles possuir determinadas características.

Os Heroes do Mar

A diversidade e a grandeza das faculdades naturais ou adquiridas, que é preciso reunir em um só homem para fazê-lo um herói do mar, espantam o espírito e desproporcionam o marítimo perfeito em qualquer comparação com o homem de guerra ordinário. Mas o coração que é suficiente ao que combate em terra, não basta ao que combate no mar; todas as qualidades da inteligência e do caráter são tão indispensáveis (LIVRO DO APRENDIZ MARINHEIRO, 1889, p. 28).

Por todo o texto é possível identificar diversas características que aqueles que viviam em navios possuíam de diferente daqueles que estavam em pés ao solo. Tal comparação expressa explicitamente a superioridade daqueles que escolhiam a vida marítima. Segundo o trecho do “Heroes do Mar”, eram diversas as faculdades que esses homens deveriam possuir ou adquirir. Para ser um herói do mar, era preciso da inteligência e de um bom caráter. A obra não menciona o que considera ser inteligente, mas ao tratar-se de um livro didático, podemos acreditar que o livro era um caminho para alcançar tamanha inteligência.

Era considerado um herói do mar era aquele marinheiro habilidoso e corajoso. O texto destaca que essa é uma tarefa difícil, pois requeria a combinação de uma variedade de habilidades e virtudes, tanto naturais como adquiridas e que um marinheiro bem-sucedido



deveria ser capaz de lidar com diversos desafios. Podemos analisar também que a passagem em questão reflete uma visão heroica dos marinheiros como um guerreiro corajoso, forte, destemido, que enfrentava com bravura os perigos do mar. Essas habilidades tornavam o marinheiro um militar superior ao “homem de guerra ordinário”. As habilidades destacadas no texto não são inerentes a um indivíduo, deviam ser aprendidas e praticadas.

O texto “Heroes do Mar”, faz uma espécie de idealização da figura do marinheiro como um herói que é posto no livro justamente em um contexto histórico na qual a Marinha tinha um papel fundamental na proteção do país e na manutenção da ordem durante o período imperial brasileiro. Podemos entender isso, até mesmo como uma forma de reforçar a imagem das Escolas de Aprendizes Marinheiros, legitimando a atuação de formar marinheiros disciplinados para a proteção do Império. Essa série de qualidades citadas tornava um marinheiro “digno de respeito e admiração”. No entanto, os aprendizes que frequentavam essas escolas eram, em sua maioria, crianças desvalidas e em alguns casos matriculadas pelos chefes de polícia. A escola precisava utilizar diferentes recursos para adestrar esses menores desvalidos em futuros marinheiros e uma das estratégias adotadas era a ênfase na disciplina. Como estamos analisando, ensinar a ler e escrever também fazia parte dessa estratégia, por inculcar valores nos alunos que possibilitassem uma maior obediência, conforme seguiremos examinando em outros textos.

Outro texto que trata do marinheiro como alguém superior ao homem ordinário, é intitulado como “O Marinheiro”. Texto que exalta a figura do marinheiro, descrevendo suas qualidades e seus deveres e encontra-se entre as páginas 21 e 22.

O Marinheiro

O caracter de seus deveres e educação, a vida que levam, a disciplina e as responsabilidades a que estão sujeitos, fazem delles uma classe de homens muito superiores a seus correspondentes na sociedade civil [...] (LIVRO DO APRENDIZ MARINHEIRO, 1889, p. 21).

A passagem evidencia que a vida de um marinheiro era regada de muita disciplina e responsabilidade. Essas duas características resultariam em um homem pertencente a uma classe superior na sociedade civil. É possível que a insistência em demonstrar a superioridade dos marinheiros, fosse um mecanismo da Escola de Aprendizes Marinheiros para motivar os aprendizes a se dedicarem aos estudos e se empenharem em se tornar futuros marinheiros. Segundo o texto, graças aos deveres ditos educativos e reguladores do corpo fazia dos



marinheiros eram homens muito “superiores” aos homens civis. Esse enaltecimento presente no livro, poderia então ser uma ferramenta para reforçar a disciplina e a hierarquia dentro das escolas, uma vez que os alunos poderiam se sentir motivados a serem disciplinados o suficiente para alcançar a carreira de marinheiro ou o ser um “herói do mar”, como citado no trecho anterior.

Segundo Michel Foucault (1996), o discurso não é apenas um conjunto de palavras ou de ideias, mas sim uma relação de poder com o objetivo de produzir uma verdade. Quando nos voltamos a essas afirmações de uma pretensa superioridade dos marinheiros em relação a classe civil, podemos entendê-las como uma estratégia discursiva da Marinha para além de construir uma imagem positiva da Escola de Aprendizes Marinheiros, atrair novos aprendizes. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Ou seja, o discurso não é apenas uma questão de transmissão de informações, mas é também uma forma de exercer poder e influência sobre os ouvintes. O discurso que apresenta os marinheiros como superiores pode ser visto como um exemplo de um discurso que visa impor uma verdade e produzir efeitos por influenciar os aprendizes de marinheiros na forma que veem a Marinha.

Já sobre uma vida regada de disciplina, na obra “Vigiar e Punir” (2020), Michel Foucault dissertou sobre como as instituições de confinamento detém o poder disciplinar, resultando em mecanismos de adestramento dos corpos. Essa disciplina, segundo o autor, é pensada visando domesticar o indivíduo do interior para o exterior, tornando-os dóceis. Fazer o indivíduo obedecer sem pensar tornando-o disciplinado a cumprir ordens, é uma forma de como as escolas usam esse poder. Assim, essas escolas submetiam seus alunos a um inflexível processo disciplinador para torná-los marinheiros. Um exemplo presente no livro que mostra o quanto esse conceito era demasiadamente enaltecido como algo essencial é um trecho referenciado pelo livro como Francesco Colombo, *portafoglio del marino*, que está transcrito abaixo:

[...] a disciplina é necessária na família, na escola, no exército, na marinha, em terra e abordo. Quem não se habitua a observar a disciplina é desgraçado e incorre em castigos que facilmente poderia ter evitado: ninguém deseja perto de si um homem que não sabe submeter-se às prescrições disciplinaes. Ser bom e disciplinado é um



dever, mais do que isso, é uma necessidade para todos, paizanos ou militares, homem de terra ou de mar (LIVRO DO APRENDIZ MARINHEIRO, 1885, p. 16).

Aquele aprendiz que não era bem disciplinado, seja na escola ou fora dela, era considerado um desgraçado. Mas, para além disso, era alguém passível de castigos e que ninguém gostaria de ter por perto. Os castigos eram uma prática comum nessas instituições durante algum tempo. Laelson Vicente Francisco (2022), estudou sobre esse tema, buscando analisar as punições bem como as resistências no interior da Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande do Norte, entre 1933 e 1941. Segundo o autor, tratava-se de meios de corrigir moldando os aprendizes marinheiros. Portanto, “[...] no que se refere aos métodos de matrícula, às punições e castigos físicos, não devemos desconsiderar que essas instituições recebiam os menores com o intuito de adestrá-los e transformá-los em marinheiros obedientes” (FRANCISCO, 2022, p. 78). Ou seja, essas escolas tinham um objetivo que era o de transformar aqueles meninos pobres e desvalidos. A disciplina englobava um conjunto de ensinamentos para tornar as crianças em futuros marinheiros ideais. Para isso, era necessário também uma determinada moral. Já na legislação escolar, é possível encontrar pistas da importância do ensino moral dentro das Escolas de Aprendizes Marinheiros.

O Artigo 10º do *Decreto n. 9371* de 14 de fevereiro de 1885, ordenava que os comandantes das escolas, que exerciam a função de diretor escolar, além de cumprir com suas obrigações militares, possuíam a responsabilidade com a educação moral e profissional dos aprendizes. De acordo com o documento, “[...] além das suas obrigações militares, no que diz respeito á disciplina, o Commandante exercerá também as de Director da Escola, sendo de sua exclusiva responsabilidade a educação moral e profissional dos aprendizes, de conformidade com este Regulamento” (BRASIL, 1885). Outro exemplo, está inserido no *Relatório do Ministério da Marinha* de Custodio José de Mello, no ano de 1892. “[...] com autorização do Congresso foi confeccionado um regulamento para as escolas em questão, no qual teve-se muito em vista a educação intelectual e moral dos aprendizes” (RELATÓRIO DE MINISTRO DA MARINHA, 1892).

Entendemos como ensino da moral nas Escolas de Aprendizes Marinheiros, não como uma matéria específica inserida no livro, mas como um conjunto de ensinamentos nas entrelinhas da educação ofertada pela escola. Esse aspecto é o mesmo que Rosa Fátima de Souza (2000) explica ao afirmar que a partir do século XIX que a educação moral e cívica



entrou nos programas escolares. No entanto, não foi inserida como cursos ou disciplinas escolares, mas como elementos que envolvia todas as demais disciplinas. Ainda conforme essa autora, esses elementos tinham por objetivo o desenvolvimentos dos hábitos, sentimentos de interesse das instituições, tais como: “[...] respeito à ordem, disciplina, abnegação, tolerância, amor ao dever, apreço ao trabalho, frugalidade, o bom emprego do tempo, probidade, sinceridade, autocontrole, decência, lealdade, caridade, amor à pátria” (SOUZA, 2000, p. 24). A exemplo disso, ainda no texto “Heroes do Mar” uma série de características ligadas a moral são descritas para que um marinheiro se tornasse um heróis.

[...] todas as qualidades da intelligencia e de caracter são tão indispensaveis, como a bravura, ao chefe que manda a manobra ou o fogo sobre a tolda de uma não almirante. A vigilância, o conhecimento e o manejo seguro e prompto [...] que se chamam um navio de guerra; o ardor para voa ao fogo atravez da tempestade, [...] o sangue frio para conservar a firmeza de vista que atira e que apara; o golpe; a dedicação [...], a autoridade do commandante, que faz reconhecer e respeitar a salvação de todos na voz de um só; [...]; a obediência, que sujeita o pensar próprio e muitas vezes contrário; a santidade cega do comando superior, a disciplina, que vive de justiça [...], a serenidade do rosto na angustia do coração, para fazer ter a confiança nos echos do chefe; a graça máscula e digna, para conservar nas familiaridade de bordo esse prestigio que os generaes de terra conservam pelo affastamento, e que os generaes de mar tem de conservar sobre as equipagens que os acotovellam a cada instante; [...], tudo a prever, a reparar, a supportar com o estoicismo do homem que luta corpo a corpo com a degraça; [...] Eis o homem do mar: cem perigos; por uma gloria; dez heróes por um só homem (LIVRO DO APRENDIZ MARINHEIRO, 1889, p. 28-29).

Apenas neste trecho de um dos textos da matéria de “Leitura” podemos ver temáticas relacionadas à moral, à disciplina e ao gênero. Embora outras passagens do livro abordem essa temática, como estamos mostrando durante este capítulo, acreditamos que essa parte de “Heroes do Mar”, possui muitas informações a serem analisadas. Assim, esse texto apresenta uma descrição detalhada das qualidades e habilidades necessárias para um comandante de navio de guerra. O autor destaca que, além da bravura, era indispensável possuir inteligência, caráter e autoridade, e reforçou novamente a importância de manter a disciplina.

Na primeira frase do texto, é possível perceber que é enfatizado a importância das qualidades de inteligência e caráter para um comandante que liderava as manobras em um navio de guerra. Ao afirmar que essas qualidades são tão indispensáveis quanto a bravura, o texto talvez estivesse sugerindo que a liderança no meio militar ia além da coragem ou



habilidades técnicas, como por exemplo, qualidades como a vigilância, conhecimentos, manejo dos navios, autoridade, disciplina e serenidade.

Essas características deveriam ajudar a garantir a eficácia do funcionamento da tripulação nos navios, mantendo a disciplina e respeito na hierarquia naval. O texto sugere que o comandante deveria possuir capacidade de controlar a si mesmo e aos outros, sendo respeitado como o líder da tripulação. Esse argumento pode nos remeter novamente ao conceito de poder disciplinar de Michel Foucault (1999). No contexto do navio de guerra, o comandante seria o agente que exerce o poder disciplinar sobre a tripulação, através de técnicas disciplinares. Essas técnicas podem ser a hierarquia, a obediência, a vigilância ou até mesmo a punição. Ou seja, técnicas que os aprendizes marinheiros já presenciavam dentro das escolas, antes mesmo de entrarem em uma embarcação. Dessa forma, a responsabilidade do comandante era a de moldar o comportamento dos marinheiros, visando a eficácia e a utilidade dessa classe.

O restante do texto, continua a destacar a importância de várias outras qualidades e habilidades dos “heróis do mar”. A obediência e a disciplina são mencionadas como características fundamentais. O texto refere-se que a obediência deve ser aplicada inclusive em momentos de divergência, deve haver uma espécie de “santidade cega”. Ou seja, acreditar na autoridade absoluta do superior, sem questionar e sem contestar. A disciplina e a hierarquia são os pilares centrais do funcionamento da organização militar. Até mesmo a ideia de “santidade” pode ser entendida como o respeito que a tripulação deve ter em relação aos superiores, vendo-os como uma autoridade que não é passível de erros, devendo ser apenas obedecida todas as suas ordens.

Ainda outras habilidades importantes incluem a serenidade no rosto na angústia do coração. Novamente, fazendo referência a importância de os marinheiros confiarem no líder mesmo em situações de risco. O texto destacou ainda a importância de prever, reparar e suportar todos os perigos e desafios com determinação, o que torna o homem do mar um verdadeiro herói, que enfrenta cem perigos por uma glória. Com isso, podemos ver, que o texto idealiza a figura do marinheiro como um herói, mas que para isso era necessário possuir as características listadas. Mas além disso, para ser um herói era preciso também ser homem. Em relação a masculinidade, sabemos que as Escolas de Aprendizes Marinheiros, desde a sua



criação era dedicada somente aos homens, tanto em relação aos alunos bem como ao pessoal que trabalhava no local.

Discorrer sobre gênero dentro da História da Educação é uma tarefa profunda e extensa. Por isso, para este trabalho nos deteremos sobre a masculinidade em torno da moral construída dentro dessas escolas, de acordo com os vestígios desses aspectos inseridos no *Livro do Aprendiz Marinheiro*. Entendemos que gênero não se limita a construção da identidade, mas que, conforme Guacira Lopes Louro (2017), “[...] é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja etc. são ‘generificadas’, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos” (LOURO, 2017, p. 103). Nesse caso, a autora afirma que instituições como a escola são “generificadas” o que significa expressar as relações de gêneros. Isso quer dizer que, essas escolas como uma instituição de ensino só para meninos, expressava que a profissão de marinheiro era exclusiva para o sexo masculino. Mas, havia um ideal de masculino nas passagens do *Livro do Aprendiz Marinheiro*.

Guacira Lopes Louro (1992), mencionou que o gênero é uma construção social e histórica do feminino e do masculino. Por isso, essa concepção depende da sociedade e da época da qual estamos falando. No tocante de uma sociedade patriarcal brasileira do século XIX, para ser alguém apto a defender o país, era necessário, primeiro, ser homem. Assim, a passagem transcrita do texto “Heroes do Mar”, demonstra que o marinheiro deve ser inteligente, másculo, e com caráter admirável segundo os valores da época. O que significa que era preciso ter bravura, ser vigilante, ter sangue frio, ser dedicado, ter autoridade, ser obediente, ter disciplina, serenidade, confiança no chefe, ter uma graça máscula, tudo para suportar as “desgraças” durante a carreira. A graça máscula, tinha por objetivo manter uma familiaridade entre a tripulação a bordo.

Portanto, a masculinidade descrita por esse texto, era dependente das características morais e de caráter dos indivíduos. Um homem másculo que compunha o corpo de Marinheiros deveria ser capaz de entregar a própria vida para salvar a Pátria e os colegas de bordo. Para tal, era preciso ter bravura e estar sempre disposto a enfrentar todos os perigos que a carreira exigia. Para lidar com tais perigos, era preciso acima de tudo ser alguém obediente e disposto a reivindicar de seus pensamentos para cumprir ordens dos seus



superiores. Assim, a obediência é descrita como “[...] a salvação de todos, na voz de um só”, ou seja, era essencial para o bem-estar de todos e o sucesso de uma missão. Dessa forma, o livro demonstra que marinheiro deveria levar sua vida de perigos com coragem e aceitação do destino que o guarda, tornando-se assim um herói, marcas de uma masculinidade em voga no país que muito se confunde com o as formas machistas de ser homem.

Portanto, ao analisar a matéria de “Leitura” do *Livro do Aprendiz Marinheiro*, observamos que uma vez selecionados nas escolas, os aprendizes eram submetidos a uma educação que visava ensinar com base na rigorosa disciplina e hierarquia rígida. Com isso, os textos buscavam inculcar valores nos alunos durante e após o processo de alfabetização. Esses valores, conforme vimos em alguns dos textos, eram voltados para coragem, legalidade, patriotismo, disciplina e obediência. O universo naval era o que estava inserido nesses textos, todos faziam referência a profissão de marinheiro ou então ao modo como se comportar sendo um marinheiro.

Rozenilda Maria de Castro Silva (2017), menciona que os textos de leitura no *Livro do Aprendiz Marinheiro*, faziam uma institucionalização da vida, enquanto profissão. A autora reforça a ideia de que a vida dos marinheiros é institucionalizada e que isso é visto nos textos como algo positivo e desejável. “Ao tempo em que a sua função é exaltada e acolhida, as suas condições de vida, como o esquecimento, o abandono e os perigos, são expostas como processo formativo do ofício e da inculcação da cultura institucional” (SILVA, 2017, p. 152). Ou seja, a cultura escolar nessa instituição e que aparece na obra a qual analisamos, valoriza e exalta a função do marinheiro, mas ao mesmo tempo expôs as condições perigosas dessa profissão como parte do processo formativo dos aprendizes, tecendo um discurso de heroísmo na figura dos homens que enfrentam esses perigos. Nesse sentido, a formação dos aprendizes marinheiros não estava limitada apenas a adquirir os conhecimentos, habilidades e técnicas necessárias, mas também incluía a adoção de valores e práticas dessas escolas que moldavam a identidade dos menores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O *Livro do Aprendiz Marinheiro*, Volume I, foi um material que trazia em si mais do que conteúdos didáticos. Ao analisarmos, podemos observar suas intencionalidades depositadas neste livro. Segundo Ana Maria de Oliveira Galvão e Antônio Augusto Gomes Batista (2008, p. 164), “[...] assim, livros escolares não teriam uma história própria; sua história não seria senão a expressão das políticas a eles dirigidas, e elas mesmas, por sua vez, nada mais seriam que a expressão de uma outra história”. Os conteúdos e os textos de leitura usados na referida obra, estão diretamente relacionados com o contexto político da época.

Portanto, podemos perceber que as intenções nos textos que analisamos neste artigo, estavam vinculadas em transformar crianças em sua maioria desvalidas em homens submissos e obedientes à Marinha. Estes homens, deveriam sobretudo serem disciplinados, obedientes, católicos, inteligentes, corajosos, com a masculinidade ideal para a Marinha. Dessa forma, poderiam ser heróis da nação.

A ideia de transformar crianças em homens submissos e obedientes à Marinha está relacionado ao conceito de poder disciplinar de Foucault (1999), pois é uma relação de poder que se baseia em controlar corpos e comportamentos. No decorrer da análise, podemos perceber as intencionalidades que os textos de leitura traziam. Dentre elas, adestrar aqueles corpos dos aprendizes marinheiros para a obediência. O poder disciplinar visa tornar os indivíduos mais produtivos e úteis para a sociedade por serem disciplinados. No contexto da formação desses menores, podemos identificar várias técnicas de exercícios do poder disciplinar. Sobretudo, em relação a matéria de “Leitura” que além de ensinar a ler almejava princípios morais nos aprendizes. Por isso a constância em trazer ideias que os homens superiores da sociedade eram católicos, inteligentes, corajosos e com a masculinidade ideal para a Marinha do Brasil.

A matéria de “Leitura” fazia parte do ensino elementar nas Escolas de Aprendizes Marinheiros. Assim, os conteúdos do currículo desse ensino englobavam parte de um projeto. Portanto, aquilo que norteou a seleção dos conteúdos de ensino, bem como das finalidades que cada matéria “[...] revelam a configuração de um projeto político-social civilizador, isto é, um projeto nitidamente direcionado para a construção da nação, para a modernização do país, a moralização e a disciplinarização do povo” (SOUZA, 2000, p. 24). Dessa forma, a disciplinarização dos menores aprendizes estava ligada a diversos aspectos do confinamento dentro da escola. Sabemos assim, que um desses elementos era o processo de alfabetização,



bem como a prática da leitura, para que os aprendizes marinheiros possuíssem os valores, a moral e o comportamento desejado pela instituição.

Dessa forma, entendemos, portanto, que os textos de leitura presente no *Livro do Aprendiz Marinheiro*, estão atrelados com o projeto da escola de tornar os meninos desvalidos em cidadãos úteis à nação. Por isso, a matéria em que está inserido esses textos, tinha em vista o ofício de um futuro marinheiro, não se limitando apenas ao conteúdo por si só, ensinando apenas aquelas crianças a ler, mas possuindo a tendência de mostrar esses saberes na prática profissional naval. Entendemos que nenhum dos textos, estavam ali por um acaso, mas faziam parte da “moralização e disciplinarização do povo”.

Saber a intencionalidade por trás dos conteúdos presentes no *Livro do Aprendiz Marinheiro*, só é possível pelo estudo da própria instituição além da análise das matérias do ensino elementar. Nesse sentido, vimos que o ensino da matéria de leitura tinha por finalidade alfabetizar e oferecer uma instrução moral para os aprendizes marinheiros. Essa moralização era baseada em princípios católicos e na disciplinarização militar, tornando os aprendizes sujeitos obedientes e capazes de cumprir todas as regras do serviço naval.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coleção das leis do Império do Brasil de 1885. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1886.

CASTRO, Rozenilda. **A Escola de Aprendizes Marinheiros de Parnaíba**. Teresina: Editora Universitária da UFPI, 2013.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 193-211.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. Tradução de: Laura Fraga de Almeida Sampaio.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

FRANCISCO, Laelson Vicente. **“Um viveiro de competências e abnegações”**: a formação do marinheiro na Escola de Aprendizes Norte-Rio-Grandense (1933-1941). 2022. 152f.



Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira, BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Manuais escolares e pesquisa em História. In: VEIGA, Cynthia Greive, FONSECA, Thaís Nívea (Org.). História e historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008, p. 161-188.

GONTIJO, C. M. M.; SCHWARTZ, C. M. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA LEITURA E A APRENDIZAGEM DA ESCRITA. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 1, 29 jun. 2015.

LAMARE, José Victor de; PALHA, José Egydio Garcez. Livro do aprendiz marinho. v. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889a.

LOPES, Antônio de Padua Carvalho; SILVA, Rozenilda Maria de Castro. Não basta ser oficial: o professor normalista nas escolas de aprendizes marinhos do Brasil e a cultura escolar institucional. **Revista Latino-Americana de História**, v. 7, n. 19, p. 267-283, Jan./Jul 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/rlah.v7i19.733>. Acesso em: 18 jun. 2022.

MARINHA, **Relatório Ministerial de 1892.**

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático como índice da cultura escolar. **História da Educação**, v. 20, n. 50, 2016, p. 119-138.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil**. Cadernos-Cedes, Campinas, v. 20, n.51, nov. 2000.



DISCIPLINE, HEROISM AND BRAVERY:

THE READING TEXTS IN THE SAILOR APPRENTICE'S BOOK VOLUME I (1889)

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the texts contained in the subject “Reading” of the first volume of the Livro do Aprendiz Marinheiro published in 1889. It is a chapter dedicated to literacy and reading practices based on terms capable of train bodies and minds, thus adopting a disciplinary logic. The “Reading” subject was part of the Teaching Program of the Escola de Aprendizes Marinheiros, therefore, it was content set out in the aforementioned didactic material of the institution at the end of the 19th century. We rely on the domains of Cultural History to think of the discipline as a control technology used on the bodies of apprentice sailors. To do so, we discuss the concept of discipline proposed by Michel Foucault (2020) that allows the understanding of ways of training. As it is a male-oriented school, we discuss the gender category based on the writings of Guacira Lopes Louro (2017). It is concluded that the subject of “Reading” was aimed at instilling in minors aspiring sailors the regulation of their body from the teachings of first letters.

Keywords: Book of the Sailor Apprentice. School of Sailor Apprentices. School subjects.

DISCIPLINA, HEROÍSMO Y VALENTÍA: LOS TEXTOS DE LECTURA EN EL LIBRO DEL APRENDIZ DE MARINERO TOMO I (1889)

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar los textos contenidos en el tema “Lectura” del primer volumen del Livro do Aprendiz Marinheiro publicado en 1889. Se trata de un capítulo dedicado a la alfabetización y prácticas lectoras a partir de términos capaces de entrenar cuerpos y mentes, adoptando así una lógica disciplinaria. La asignatura “Lectura” formaba parte del Programa de Enseñanza de las Escuelas de Aprendices de Marineros, por lo tanto, era contenido previsto en el mencionado material didáctico de la institución a fines del siglo XIX. Nos basamos en los dominios de la Historia Cultural para pensar en la disciplina como una tecnología de control utilizada en los cuerpos de los aprendices de marineros. Para ello, discutimos el concepto de disciplina propuesto por Michel Foucault (2020) que permite la comprensión de las formas de formación. Por tratarse de una escuela de orientación masculina, discutimos la categoría de género a partir de los escritos de Guacira Lopes Louro (2017). Se concluye que la asignatura de “Lectura” estuvo dirigida a inculcar en los menores aspirantes a marineros la regulación de su cuerpo a partir de las enseñanzas de las primeras letras.

Palabras clave: Libro del Aprendiz de Marinero. Escuela de Aprendices de Marineros. Asignatura escolar.

Submetido em: 20 de abril de 2023.

Aprovado em: junho de 2023.

Publicado em: junho de 2023.